RESSALVA

Atendendo a solicitação do(a) autor(a), Gabriel Cruciata Perrone, o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 28/08/2028.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

GABRIEL CRUCIATA PERRONE

Indicadores de Autoeficácia e *Burnout* em Profissionais e Estudantes de Psicologia

Bauru
2026

GABRIEL CRUCIATA PERRONE

Indicadores de Autoeficácia e *Burnout* em Profissionais e Estudantes de Psicologia

Dissertação apresentada como requisito para Defesa visando à obtenção do título de Mestre junto à Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências.
Orientador: Prof. Dr.º Hugo Ferrari Cardoso

Bauru
2026

P459i

Perrone, Gabriel Cruciata
Indicadores de Autoeficácia e Burnout em Profissionais e Estudantes de Psicologia / Gabriel Cruciata Perrone. -- Bauru, 2026
58 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientador: Hugo Ferrari Cardoso

1. Autoeficácia. 2. Burnout. 3. Psicologia. 4. Profissionais. 5. Estudantes de graduação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GABRIEL CRUCIATA PERRONE, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 27 de agosto de 2026, às 8h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GABRIEL CRUCIATA PERRONE, intitulada "Indicadores de Autoeficácia e Burnout em Profissionais e Estudantes de Psicologia". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. HUGO FERRARI CARDOSO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP / Câmpus de Bauru - FC, Prof. Dr. RODOLFO AUGUSTO MATTEO AMBIEL (Participação Virtual) do(a) Pós-graduação Psicologia / Pontifícia Universidade Católica (PUC) - Campinas, Prof. Dr. MARIO LAZARO CAMARGO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP / Câmpus de Bauru - FC, Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

gov.br Documento assinado digitalmente
HUGO FERRARI CARDOSO
Data: 27/08/2026 16:21:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. HUGO FERRARI CARDOSO

AGRADECIMENTO

Esta foi, de fato, minha primeira experiência como pesquisador e foi extremamente desafiante; em algumas situações, frustrante; mas, no final das contas, acredito que foi positiva. Não tenho dúvidas que o apoio de minha amada esposa, Brenda, foi fundamental para o ingresso no mestrado; minha continuidade, apesar das dificuldades, e a finalização dessa dissertação. À ela, sou eternamente grato.

Agradeço a minha família, em especial à minha mãe, Nina, pelo apoio e incentivo em todas as minhas decisões ao longo da vida. Sou quem sou graças aos seus ensinamentos.

À minha nonna, Maria, por sempre demonstrar amor e carinho, mesmo quando as coisas são difíceis.

Ao meu pai, Vicente, e ao meu tio, Luiz, por demonstrarem a importância dos estudos e sempre me incentivarem a buscar algo novo.

Aos meus irmãos Fábio e Luigi, cada um ao seu modo, cada um com seus interesses, que me ajudam a me reconhecer e entender o valor e beleza das diversas possibilidades de trajetórias de vida.

Agradeço ao meu orientador, Hugo, pelos aprendizados e pela paciência para ouvir meus desabafos ao longo do mestrado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista (UNESP), pela possibilidade de aprimoramento como psicólogo e pesquisador, e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP, pela bolsa de mestrado concedida.

RESUMO

Considerando a diversidade de atuações em Psicologia e a grande prevalência de profissionais que possuem mais de uma atividade profissional, esta pesquisa teve como objetivo mensurar os indicadores de autoeficácia e *burnout* em estudantes e profissionais da Psicologia, buscando comparar os dois grupos (estudantes, n=25 e profissionais, n=61), correlacionar a autoeficácia e o *burnout*, além de correlacionar estes fatores com dados sociodemográficos. Para isso, foram utilizados quatro instrumentos, sendo eles um questionário sociodemográfico, a Escala de Autoeficácia no Trabalho (EAE-T), a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP) e a Escala Brasileira de *Burnout* (EBBurn), aplicados de maneira *online* por meio do *Google Formulários*. Dos principais resultados, identificou-se maior percepção de autoeficácia geral em profissionais em comparação aos estudantes. No grupo de estudantes foi possível observar correlação positiva e com significância estatística a EAGP e a frustração (EBburn). Em relação ao grupo de profissionais, encontrou-se correlação positiva entre o fator Execução do Trabalho da EAET e a Exaustão da EBburn. Postula-se como sugestão para pesquisas futuras, pesquisas com uma amostra mais significativa, um equilíbrio amostral entre participantes de IES públicas e privadas, um aprofundamento de trabalhos que busquem correlacionar a autoeficácia e o *burnout* com tempo de formado e tempo de experiência na função profissional exercida.

Palavras-chave: Autoeficácia. *Burnout*. Psicologia. Profissionais. Estudantes de graduação.

ABSTRACT

Given the diversity of roles within psychology and the high prevalence of professionals engaged in multiple professional activities, this study aimed to measure indicators of self-efficacy and burnout among undergraduate psychology students and practicing psychologists. The study sought to compare the two groups (undergraduates, n=25; professionals, n=61), correlate self-efficacy with burnout, and examine the relationship between these factors and sociodemographic data. Four instruments were used: a sociodemographic questionnaire, the Work Self-Efficacy Scale (EAE-T), the Perceived General Self-Efficacy Scale (EAGP), and the Brazilian Burnout Scale (EBBurn), all administered online via Google Forms. Key findings revealed that professionals reported a higher perception of general self-efficacy compared to the students. In the group of students, it was possible to observe a positive, statistically significant correlation between EAGP and frustration (EBburn). Regarding the professional group, a positive correlation was found between the Work Execution factor of the EAE-T and the Exhaustion factor of the EBBurn. Suggestions for future research include using a more significant sample, ensuring a balanced sample of participants from public and private higher education institutions, and conducting in-depth studies that seek to correlate self-efficacy and burnout with the time elapsed since graduation and the duration of professional experience in the role held.
Keywords: Self-efficacy. Burnout. Psychology. Professionals. Undergraduate student.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos estudantes……26
Tabela 2 - Dados de Formação dos estudantes……..….27
Tabela 3 - Dados sociodemográficos profissionais……...…27
Tabela 4 - Dados de Formação de profissionais da Psicologia……...…..28
Tabela 5 - Modalidade e quantidade de atuações…….….29
Tabela 6 - Jornada semanal e tempo na atuação principal……30
Tabela 7 - Áreas de atuação em Psicologia……...……31
Tabela 8 - EAGP e Fatores EBburn X Grupos Estudantes e Profissionais…….....32
Tabela 9 - EAGP X Fatores EBburn……...…33
Tabela 10 - EAGP e Fatores EBburn x Ano de Formação e Idade…….…….34
Tabela 11 - Fatores EAET X Fatores EBburn…….….35
Tabela 12 - Fatores EAET e Fatores EBburn X Ano de Formação, Experiência profissional (na principal atuação atual) e Jornada de trabalho principal……..……..….36
Tabela 13 - Fatores EAET e Fatores EBburn X Modalidade de Atuação……..…..37

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO……9

1 INTRODUÇÃO……12
2 JUSTIFICATIVA……21
3 OBJETIVO……22
3.1 Objetivos específicos……22
4 MÉTODO……22
4.1 Caracterização da pesquisa……22
4.2 Participantes……22
4.3 Instrumentos e materiais……23
4.3.1 Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP)……23
4.3.2 Escala de Autoeficácia no Trabalho (EAE-T)……23
4.3.3 Escala Brasileira de Burnout (EBBurn)……23
4.3.4 Questionário Sociodemográfico……24
4.4 Procedimentos éticos……24
4.5 Procedimento de coleta dos dados……24
4.6 Procedimento de análise dos dados……25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO……25
5.1 Dados do questionário sociodemográfico……25
5.1.1 Estudantes……*25*
5.1.2 Profissionais……*26*
5.2 Dados das Escalas……32
5.2.1 Comparação entre profissionais e estudantes……*32*
5.2.2 Estudantes……*33*
5.2.3 Profissionais……*35*
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS……38
REFERÊNCIAS……39

APÊNDICES
Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido……47
Apêndice 2 - Questionário sociodemográfico……49

ANEXOS

Anexo 1 - Parecer consubstanciado do CEP ……52
Anexo 2 - Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP).....56
Anexo 3 - Escala de Autoeficácia no Trabalho (EAE-T).....57
Anexo 4 - Escala Brasileira de *Burnout* (EBBurn).....58

APRESENTAÇÃO

Meu primeiro emprego foi em 2011, com 16 anos, no qual trabalhei como Ajudante de Vidraceiro para um casal de amigos da minha mãe. Nessa época, eu estava terminando o curso técnico em Administração de Empresas na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas (ETEC-GV), em São Paulo, minha primeira formação. Algo marcante nesta primeira experiência foi ter conquistado, com o tempo, um espaço ajudando meus chefes a organizar as notas fiscais e boletos da empresa. Quando saí da empresa, eu não tinha dúvidas, naquele momento, que gostaria de ter um trabalho administrativo.

Em 2012, ingressei na minha primeira faculdade, o curso de Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos (RH) pela Faculdade de Tecnologia do Ipiranga (FATEC-IPI), e foi nesse momento que tive meu primeiro contato com publicações acadêmicas, publicando dois capítulos de livros com minhas colegas, além de ter conseguido meus primeiros estágios na área. Em três anos e meio eu finalizei a graduação, que tinha período mínimo de três anos, e, assim que terminei, já trabalhava como Analista de RH em uma empresa bem estruturada, tendo uma carreira dita por muitos como promissora.

Contudo, mesmo estando onde eu queria, eu não me sentia feliz. O trabalho era mecânico e eu não sentia que conseguia, de fato, ajudar as pessoas, o que me levou a adoecer. Ao final de 2015, ano do término da minha graduação, eu já não queria mais trabalhar com RH. Ao pensar em como mudar de carreira sem sentir que perdi tempo nesses anos de RH, resolvi prestar Psicologia. Arrumei um novo emprego em 2016, dessa vez como Auxiliar Administrativo, para pagar um cursinho pré-vestibular e, em 2017, ingressei na Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Por mais que meu motivo de escolha da Psicologia fosse pra não mudar totalmente de área, na UNESP tentei explorar algumas opções: fui brinquedista no Centro de Psicologia Aplicada (CPA), auxiliei em pesquisas com ratos no Laboratório de Análise do Comportamento e Neurociências (LACEN), fui facilitador da Comunidade Virtual de Aprendizagem e Enfrentamento à Covid-19 (CVA), organizei congressos, participei de grupos de estudos, participei de comissões como representante discente, entre outras atividades.

Senti que tinha, finalmente, encontrado meu lugar quando fiz estágio não-obrigatório no Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) de Bauru. Esse estágio foi realizado durante a pandemia e, entre idas e vindas, percebia como eu e meus colegas de CAPS II estávamos cansados e sobrecarregados com as demandas, sendo que na época, além deste estágio não-obrigatório, eu participava do CVA e fazia os três estágios obrigatórios (em Orientação

Profissional e de Carreira, em Psicologia Clínica e em Processos de Intervenção em Necessidades Especiais) exigidos pela graduação. Já meus colegas do CAPS mantinham uma clínica particular e atividades de aprimoramento contínuo, como cursos de especialização, mestrado, entre outros. Na época, achei que esse acúmulo de atividades não continuaria por muito tempo, até que me formei e, desde o momento que recebi meu registro profissional, eu sempre tive mais de um vínculo de trabalho.

Na minha trajetória em Psicologia (em ordem cronológica): passei por plataformas online trabalhando com clínica, orientação profissional e de carreira e com Psicologia escolar; trabalhei em uma grande empresa de convênios; trabalhei como psicólogo clínico autônomo, no CAPS da cidade de Pederneiras; iniciei na função de pesquisador ao ingressar no Mestrado no Programa de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Unesp-Bauru; trabalhei em quatro Unidades Básicas de Saúde (UBS) distintas em Bauru, atendendo exclusivamente crianças e adolescentes; fiz Estágio em Docência com o Prof.º Dr.º Hugo Ferrari Cardoso; além de horas extras durante um ano no CAPS Infantil. Atualmente, trabalho no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) em Bauru, no qual o tema "trabalho" passou a ser central em minha atuação, pois minha jornada é composta principalmente por inspeções em empresas e acolhimento de trabalhadores.

Algo que percebi na minha trajetória é que, não só possuo mais de uma atividade em Psicologia, como gosto de ter atividades distintas. É mais que uma necessidade financeira, no meu caso é uma vontade contínua de não sentir que estou desperdiçando uma chance de conhecer algo que posso gostar. Mas isso tem um custo e, frequentemente, me sinto cansado e desanimado. Como mencionei, meus colegas do CAPS também se encontravam dessa forma, mas com o tempo percebi que não eram apenas eles: meus colegas de graduação e meus colegas psicólogos de todos os lugares pelos quais passei vivem jornadas duplas, triplas, quádruplas… E foi aí que pensei: como nós, profissionais da Psicologia, estamos? Como nos vemos? Quais são nossas condições de trabalho? Assim surgiu a proposta da pesquisa aqui apresentada.

O leitor encontrará esta dissertação dividida nos seguintes blocos: Introdução, Justificativa, Objetivo, Método, Resultados e Discussão, Considerações Finais, Apêndice 1, Apêndice 2, Apêndice 3, Apêndice 4, Anexo 1, Anexo 2, Anexo 3 e Anexo 4. Na Introdução, realizei um levantamento de publicações que tivessem trabalhado com os públicos de estudantes e profissionais da Psicologia, tendo como foco a investigação do *burnout* ou da autoeficácia.

Na Justificativa apresentei a relevância da pesquisa, apresentando na sequência, nos objetivos, qual o norte definido para sua efetivação. No método apresentei minha amostra, os instrumentos e materiais utilizados, assim como os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Nos resultados e discussão, foram postas as correlações entre os grupos de estudantes e profissionais, entre autoeficácia e *burnout*, além de um aprofundamento em autoeficácia e *burnout* nos profissionais em comparação com dados da carreira, como: modalidade de atuação, tempo de experiência, entre outros. Já nas considerações finais apresentamos um compilado dos principais dados encontrados, além de elencar limitações desta pesquisa e propor sugestões para desenvolvimentos futuros.

Os dois primeiros apêndices compuseram o instrumento de coleta de dados, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Questionário Sociodemográfico.

O terceiro e quarto apêndices, em ordem, correspondem a dois trabalhos de revisão de literatura: o primeiro que embasou a introdução desta dissertação, com uma revisão narrativa de autoeficácia em profissionais e estudantes da psicologia e o segundo, que foi elaborado durante uma disciplina do mestrado, que, embora não abarcasse a autoeficácia e o *burnout*, foi de fundamental importância para entender o público alvo da pesquisa, pois tive a possibilidade de investigar as identidades profissionais das pessoas que atuam na grande área da Psicologia.

O primeiro anexo apresenta o parecer do CEP para a realização da pesquisa, e os demais são as escalas incluídas no instrumento de coleta de dados, em ordem, a EAGP, EAE-T e EBburn.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia na atualidade apresenta como uma de suas características a vasta gama de possibilidades para atuação profissional, o que pode acarretar aos profissionais que atuam nessa área um contínuo contato com demandas diversas que, muitas vezes, são distantes entre si. Essa amplitude de possibilidades, por um lado, é positiva por ser rica em oportunidades aos/às psicólogos/as, mas ao mesmo tempo pode gerar sensação de despreparo, haja vista a impossibilidade de se abordar todas as suas áreas de atuação com a devida profundidade, especialmente durante a graduação.

Ao se formar, o/a psicólogo/a estará sujeito aos estressores inerentes desse campo profissional e, em médio e longo prazo, quando não enfrentados/administrados de forma considerada satisfatória ao indivíduo, podem acarretar em adoecimentos mais intensos, como o *burnout*, por exemplo. Pesquisas sobre a relação entre a atuação em Psicologia e a manifestação de sintomas de *burnout* já vêm sendo realizadas há algum tempo (Marques; Carlotto, 2024; Rodriguez *et al.*, 2020; Rodriguez *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2023).

Conforme indicada em revisão de literatura feita por Rodriguez *et al* (2020), profissionais da Psicologia sem vínculos empregatícios formais são os que apresentam menores riscos de *burnout*. Já Santos *et al.* (2023) em outro artigo de revisão destacam que o *burnout* gera sensações de insuficiência e incompetência profissional, e que fatores que podem se associar como protetivos a essas situações são a autoconfiança, autoeficácia profissional, utilizar estratégias focadas nos problemas, terapia, rede de apoio e gestores acolhedores. Além disso, emoções e sentimentos desencadeados pela atuação profissional, em alguns casos, podem levar ao adoecimento psíquico (Marques; Carlotto, 2024; Rodriguez *et al*, 2020, Rodriguez *et al*, 2017).

A construção do termo *burnout* remonta aos anos 1970, em que foi utilizado por Freudenberger para descrever um esgotamento físico e mental de profissionais que trabalhavam com pessoas que faziam uso de substâncias psicoativas. Na década de 1980, Maslach definiu o *burnout* como um construto psicossocial, manifestado especialmente em uma forma tridimensional, que engloba exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal (Domingos *et al.*, 2024; Patrício *et al.*, 2020; Libânio; Carballo, 2022). Patrício *et al.* (2020) ainda descrevem até este momento histórico o *burnout* era bastante investigado com amostras de profissionais da área da saúde (principalmente Medicina e Enfermagem), porém a partir dos anos de 1990 houve uma expansão nas investigações para as demais áreas, além da saúde, mas também englobando Educação, Segurança pública etc.

O desenvolvimento da síndrome de *Burnout* está ligado à longa exposição ao estresse ocupacional (Perniciotti *et al.*, 2020) que, diferentemente do estresse comum, tem o trabalho como principal fator influente e o/a trabalhador/a não consegue modificar o que está motivando tal estresse (Jarruche; Mucci, 2021). Suas consequências para profissionais podem envolver distúrbios individuais (queixas psicossomáticas, depressão e abuso de substâncias), mudanças comportamentais (falta de comprometimento), problemas no trabalho (absenteísmo e erros durante a atuação) e implicações para a instituição na qual o/a trabalhador/a está inserido/a (Perniciotti *et al.*, 2020), além de poder afetar a qualidade do cuidado oferecido aos/às usuários/as do serviço em que atua (Tomaz *et al.*, 2020).

Além disso, Perniciotti et al. (2020) acrescentam que há falta de consenso na literatura em relação à definição e seus critérios diagnósticos, o que poderia se relacionar a uma divergência nas estatísticas, mesmo quando utilizados instrumentos semelhantes para sua mensuração.

Não apenas fatores individuais, como a autoestima, mas também ambientais e contextuais estão associados ao risco à síndrome de *Burnout* (Perniciotti *et al.*, 2020). Dentre os fatores de risco, são citados alguns como idade, gênero, estado civil, jornada de trabalho, falta de autonomia, pouco suporte no trabalho e sensação de injustiça. (Domingos *et al.*, 2024; Patrício *et al.*, 2020). Pesquisadores destacam o papel da prevenção, que pode ser feita tanto por meio de medidas focadas nos indivíduos, como grupos de suporte e terapia cognitivo comportamental, com especial ênfase à autoeficácia no trabalho, mas também por meio de intervenções com foco no ambiente de trabalho, para a promoção de melhores condições laborais (Jarruche; Mucci, 2021; Perniciotti *et al.*, 2020).

Em revisão integrativa da literatura sobre síndrome de *Burnout* em profissionais da saúde (o que incluía artigos com a participação de psicólogos/as), Jarruche e Mucci (2021) observaram que a maioria dos estudos qualitativos e quantitativos analisados tratavam sobre o ambiente hospitalar ou no âmbito da atenção básica, por serem contextos de trabalho tradicionalmente considerados de maior risco a doenças mentais para os/as profissionais, sobretudo médicos/as e enfermeiros/as, que muitas vezes se encontram sobrecarregados. As autoras sinalizam para a necessidade de estudos que investiguem a síndrome de *Burnout* em outros locais de trabalho e, apesar de esta não ser uma revisão de literatura específica sobre a área da Psicologia, seus achados justificam investigações sobre a incidência dessa síndrome em diferentes contextos de atuação de psicólogos/as.

No âmbito acadêmico de formação universitária, a pesquisa de Caballero, Abello e Palacio (2007) buscou descrever como as dimensões da Síndrome do *Burnout* e o rendimento

acadêmico se relacionam com a satisfação frente aos estudos, alcançando para isso uma amostra de 202 estudantes de Psicologia do período noturno de uma Universidade de Barranquilla, na Colômbia. Os autores utilizaram como instrumentos: a Maslach *Burnout* Inventory-Student Survey (MBI-SS); o Student Academic Engagement Scale (UWES-S) e o Satisfación Académica (SATIS), com perguntas sobre bem-estar psicológico e obstáculos/facilitadores no processo de estudo; além de avaliarem a média acadêmica de notas dos semestres cursados.

Com relação ao *Burnout*, 41,6% dos participantes apresentaram níveis altos ou médios altos, sendo que 38,2% demonstraram indícios de esgotamento, 29,7% de cinismo e 48,6% de baixa autoeficácia. Sobre o engajamento, 51% das(os) participantes se mostraram vigorosas(os), 72% dedicadas(os) e 46% com estados de adsorção, o que resulta em um índice geral de 48% das(os) estudantes com resultados positivos de engajamento. A média acadêmica de notas demonstrou 41% de notas boas, 7,4% excelente e 8,9% baixa. Já na satisfação, 49% da amostra informaram gostar da profissão/curso, universidade, notas e estudo. Os autores postulam a autoeficácia como um importante mediador do *Burnout*, como se o segundo fosse uma crise do primeiro, expandindo essa mediação da autoeficácia para a satisfação frente aos estudos (Caballero et al., 2007).

Como pode ser visto no texto até então, além das questões relativas ao *Burnout*, outro indicador de grande relevância para compreender a relação dos sujeitos com o trabalho é a autoeficácia. Esse conceito está fundamentado na Teoria Social Cognitiva (TSC), proposta por Albert Bandura, cuja premissa central é a da agência para o autodesenvolvimento humano, que propõe uma intencionalidade sobre seu próprio funcionamento. O princípio da agência também fundamenta o conceito de determinismo recíproco, segundo o qual fatores pessoais, comportamentais e ambientais estabelecem relações de influência mútua (Bandura, 1986). Assim, a interpretação das consequências das próprias ações pode modificar aspectos pessoais e ambientais, os quais, por sua vez, também repercutem sobre o comportamento.

O conceito da autoeficácia articula-se, portanto, aos princípios de agência e determinismo recíproco, sendo definida como a crença do indivíduo acerca de sua capacidade para organizar e executar ações necessárias à obtenção de determinado desempenho (Bandura, 1977; 1986; 2008; Pajares; Olaz, 2008). Essas crenças apresentam caráter antecipatório, uma vez que orientam a forma como o indivíduo se posiciona e atua diante de determinada atividade. Nesse sentido, níveis mais elevados de autoeficácia tendem a favorecer um desempenho superior em comparação a crenças menos fortalecidas, mesmo quando os indivíduos apresentam habilidades semelhantes para a realização da tarefa (Bandura, 1986;

2008; Pajares; Olaz, 2008). Outro ponto de destaque referente à autoeficácia é seu domínio específico, em que Bandura (1977; 1989) aponta que a percepção de capacidade e as próprias capacidades das pessoas são desenvolvidas de acordo com as atividades específicas.

Para verificar a autoeficácia em estudantes e profissionais da psicologia, foi feita revisão de literatura em março de 2026, utilizando-se o Periódicos CAPES e os descritores "Psicologia", "autoeficácia" e "universitários", sendo encontrados artigos de diferentes países, incluindo o Brasil, que correlacionam a autoeficácia com diferentes construtos, como ansiedade, estilos de aprendizagem, *burnout*, entre outros.

No artigo de Gutiérrez-García e Landeros-Velázquez (2018), as autoras tiveram como objetivo estabelecer relações entre a autoeficácia acadêmica e a ansiedade a partir de uma amostra de 310 estudantes de Psicologia no México. Para isso, utilizaram três escalas: 1) Escala de *Autoeficacia en Conductas Académicas* (EACA), que possui 16 questões do tipo Likert com pontuação de 0 a 10, nas quais são respondidas as perspectivas sobre três cenários (atual, ideal e futuro) e cuja aplicação produz quatro fatores (autoeficácia percebida no cenário atual, autoeficácia desejada no cenário ideal e a autoeficácia alcançável no futuro; 2) *Escala de Autoevaluación de la Ansiedad de ZUNG* e 3) *Inventario de Ansiedad Rasgo-Estado* (IDARE). Dos resultados, encontrou-se correlação positiva significativa entre a autoeficácia percebida e a autoeficácia (desejável e alcançável), além de correlação negativa significativa entre a autoeficácia percebida e a possibilidade de melhora da autoeficácia percebida.

O estudo de revisão de Bessa-Silva, Lamela e Jongenelen (2017) visou observar a interação entre a relação supervisor(a)-supervisanda(o) e os outcomes clínicos das(os) estagiárias(os) e psicólogas(os) no início da carreira, por meio de uma revisão de literatura. Além disso, objetivou analisar a qualidade da supervisão e a autoeficácia das(os) terapeutas, bem como identificar se a associações entre tais construtos. Os estudos localizados pelos autores apresentavam variedade tanto na amostra quanto nos instrumentos para mensuração da qualidade da supervisão e outcomes. Acerca dos instrumentos sobre autoeficácia, a variedade foi baixa. A maioria dos estudos encontrados pelos autores teve delineamento transversal e longitudinal, tendo avaliado por meio de autorrelatos de supervisionadas(os), pacientes e supervisoras(es), a supervisão, os outcomes e a autoeficácia. O levantamento identificou associação significativa entre supervisão e outcome clínico e preditores de autoeficácia.

Cuadra-Martínez et al. (2019), por sua vez, tiveram como objetivo determinar a relação das variáveis identidade profissional, identidade estudantil universitária, autoeficácia

acadêmica, autoeficácia profissional, créditos cursados e dificuldades percebidas na carreira profissional. A amostra era composta por estudantes de Psicologia tradicionais e não tradicionais, sendo estas(es) últimas(os) aquelas(es) que tiveram um atraso no acesso à educação superior, que pertencem a um grupo étnico minoritário, que apresentam alguma deficiência ou ainda aquelas(es) que, além de estudar, possuem responsabilidades familiares e/ou laborais maiores que suas(seus) colegas. Entre os instrumentos, foram utilizados: a *Encuesta sociodemográfica; a Escala de Identidad Profesional; a Escala de identidad estudiantil universitaria; o Cuestionario de autoeficacia profesional* (AU); o *Cuestionario sobre autoeficacia académica general*; e os créditos cursados pelas(os) universitárias(os) para identificar seu tempo na universidade e seu desempenho acadêmico. Ao observar a díade de estudantes tradicionais e não tradicionais, identificou-se diferença significativa entre autoeficácia profissional, sendo este indicador maior para as(os) estudantes não tradicionais, o que pode ser explicado por conta da experiência profissional prévia possibilitar o desenvolvimento de uma maior disposição para resolver problemas e percepção de controle.

De Andrade et al. (2016) objetivaram compreender a interação entre os aspectos proteanos (fatores de direcionamento para valores e autogerenciamento) e afetivos (positivos e negativos), bem como as variáveis comportamento exploratório e autoeficácia no processo de desenvolvimento de carreira de estudantes de Psicologia. A amostra foi composta por 341 estudantes de Psicologia de uma universidade pública e de uma universidade privada da Região Sudeste do Brasil, utilizando como instrumentos: a Escala de Autoeficácia Profissional (adaptada a partir da versão da Escala de Desenvolvimento Vocacional); a Escala de Gerenciamento Proteano de Carreira para Universitários (EGPC-U); o Questionário Exploratório de Mercado; Marcadores Reduzidos de Personalidade (baseado na Teoria dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade); e a Escala de Afetos sobre o Projeto de Carreira (EAPC), desenvolvida pelos próprios autores. Partindo dos resultados encontrados, os autores propõem que os estudantes com maior autoeficácia profissional tendem a ter maior comprometimento com o futuro profissional, buscando um maior engajamento com as informações que envolvem a profissão e se auto-gerenciando em busca do sucesso profissional.

Delgado-Rodríguez et al. (2018) analisaram como a personalidade influencia na autoavaliação da performance contextual (isto é, comportamentos discricionários, em que a pessoa busca a melhor maneira de realizar uma tarefa ou ajudar colegas) no âmbito acadêmico; se a autoeficácia pode ser preditora de performance contextual; se a autoeficácia pode moderar a influência da personalidade no manejo da imagem; além de identificar se o

manejo da imagem afeta a personalidade e a performance contextual. A pesquisa apresentou uma amostra de 223 estudantes de Psicologia, que participaram de um treino com duração de seis meses, composto por atividades relacionadas às suas áreas de estudo. Os instrumentos utilizados para a mensuração dos resultados foram a *The NEO-FFI Personality Inventory, a Self-efficacy scale for performing group work*, composta por cinco itens; a *The Impression Management scale*, composta por 14 itens; e a *The Contextual Performance Scale* (OCB). A análise gerou como principais resultados, as interações positivas entre manejo de imagem e agradabilidade, conscienciosidade e performance contextual; entre agradabilidade e performance contextual; entre extroversão e neuroticismo; entre conscienciosidade e performance contextual; e entre neuroticismo e autoeficácia (Delgado-Rodríguez et al., 2018).

Dominguez Lara (2013) investigou as propriedades psicométricas da Escala de Cansancio Emocional (ECE) e, para isso, aplicou a escala pesquisada em uma amostra de 232 estudantes de Psicologia, além de outros três instrumentos: o *Inventario de Ansiedad Estado-Rasgo* (IDARE), o *Inventario de Depresión Estado-Rasgo* (IDER) e a *Escala de Autoeficacia Percibida Específica de Situaciones Académicas* (EAPESA), que possui nove itens. Foram identificadas evidências de validade da ECE, entre outras medidas psicométricas, em sua correlação negativa com autoeficácia acadêmica e em sua correlação positiva significativa com a frequência dos sintomas ansiosos, bem como com a frequência dos sintomas de depressão.

Dominguez-Lara e Sánchez-Carreño (2017) objetivaram identificar o grau de associação entre autoeficácia acadêmica e as estratégias cognitivas de regulação emocional em estudantes universitárias(os) em uma situação de desaprovação em exames. A amostra foi composta por 150 estudantes universitárias(os) de Psicologia em uma universidade peruana e a coleta de dados ocorreu pela aplicação do *Cognitive Emotional Regulation Questionarie* - 18 (CERQ-18) e do *Ítem único de Autoeficacia Académica* (IUAA), que é uma medida ampla de autoeficácia para situações acadêmicas. Os autores destacam que a reinterpretação positiva, o foco no positivo e a tomada de perspectiva, normalmente associado à autoeficácia, não apareceram com correlação significativa neste estudo, levantando a hipótese de que, especificamente, reprovar em uma prova não abre margem para uma interpretação por um lado positivo.

O estudo de Dominguez-Lara e Fernández-Arata (2019) investigou a prevalência de autoeficácia acadêmica em estudantes de Psicologia peruanas(os), fazendo um recorte de gênero e de ano de curso. A amostra foi composta por 730 participantes, realizando a aplicação da *Escala de Autoeficacia Percibida Específica de Situaciones Académicas*

(EAPESA), que possui nove itens para mensurar a autoeficácia acadêmica. A média das respostas foi elevada, com uma dispersão que indicava homogeneidade, além de sinalizar para a importância de avaliar a manifestação de autoeficácia acadêmica com a identificação do curso para a promoção de conclusões mais realistas, considerando a exigência de cada curso e as características pessoais das pessoas que optam por determinada graduação.

A pesquisa de Goméz-Martínez e Romero-Medina (2019) teve como objetivo analisar, em uma amostra de 136 estudantes de Psicologia no início do curso, a relação entre os distintos estilos de aprendizagem (profundo, superficial e estratégico), a autorregulação e a autoeficácia, considerando ainda o rendimento acadêmico. A coleta de dados ocorreu a partir da aplicação da *Approaches and Study Skills Inventory for Students* (ASSIST), do *Cuestionario de Autoeficacia Académica*, que avalia qualidades relacionadas ao contexto acadêmico; e do *Cuestionario de Autorregulación en el Estudio*. A autoeficácia acadêmica se correlacionou positivamente com autorregulação, estilo estratégico de aprendizagem, estilo profundo e se correlacionou de forma negativa com o estilo superficial de autoeficácia. Os autores descrevem que é possível indicar que a autoeficácia acadêmica pode influenciar o rendimento acadêmico. Os dados em relação ao rendimento acadêmico e os estilos de aprendizagem apontam que o uso de um estilo estratégico favorece um maior desempenho acadêmico, e que o enfoque profundo, quando comparado com o superficial, também apresenta resultados mais claros de que um maior investimento nos estudos geram resultados significativos no desempenho. No que diz respeito à autorregulação, a pesquisa indicou que uma maior autorregulação foi posta como preditora de maior desempenho acadêmico.

Para analisar a relação entre autoeficácia laboral e o engajamento no trabalho de psicólogas(os) em institutos federais, Koehler e Mata (2021) contaram com uma amostra de 205 profissionais de 39 institutos pelo Brasil, sendo que 95% haviam curso de pós-graduação e 80% eram mulheres. Além dos dados sociodemográficos das(os) participantes, o levantamento dos dados ocorreu com a aplicação da Escala de Autoeficácia para Psicólogos no Contexto Escolar (EAPSI), que avalia três dimensões: autoeficácia profissional, autoeficácia relacional e autoeficácia na articulação com as famílias. Já o instrumento para obter os indicadores de engajamento no trabalho foi a adaptação para a língua portuguesa da versão reduzida da Escala Utrecht de Engajamento no Trabalho (UWES-9). Ao buscar a correlação entre as escalas, foi possível identificar que essas foram de sentido positivo entre os dados dos instrumentos. (Koehler; Mata, 2021).

Lozano-Paz e Reyes-Bossio (2017) investigaram a experiência de sete docentes em uma instituição de nível superior particular de um curso de Psicologia peruano, tendo como

foco a identificação da autoeficácia geral e do engajamento laboral. Para a coleta de dados, foi feita uma entrevista com um roteiro semi-estruturado de 20 perguntas, para a identificação de seis indicadores: a autoeficácia definiu-se a partir dos indicadores de organização e execução dos recursos, quantidade de recursos utilizados e compreensão dos fracassos; já para o engajamento profissional, os indicadores identificados foram a absorção, a dedicação e o vigor. Acerca da autoeficácia, a quantidade de recursos utilizados destacou a criação e manutenção de uma rotina, enquanto a organização e execução dos recursos destacou a comunicação com os demais agentes no trabalho. Quanto à compreensão dos fracassos, quatro participantes apontaram compreender o fracasso com frustração e três compreendem como uma oportunidade de desenvolvimento. Já em relação ao engajamento, as(os) docentes indicaram percepção de tempo rápido e busca por aprimorar suas aulas e pesquisas, o que sinaliza um envolvimento com o trabalho.

O objetivo da pesquisa Molina e Valdeiglesias (2012) foi identificar como as(os) estudantes de Psicologia percebem seus conhecimentos e domínio de suas competências informacionais no âmbito acadêmico, bem como identificar a autoeficácia das(os) estudantes de Psicologia sobre suas competências informacionais. Participaram 501 estudantes de Psicologia que responderam ao ALFIN-HUMASS, que fornece um diagnóstico da competência informacional no nível superior, sendo dividido em quatro categorias (a busca por informações, a avaliação, o processamento e a comunicação-difusão da informação), cada uma delas possibilitando a identificação de três fatores (a importância, a autoeficácia e os hábitos de aprendizagem). Os autores definiram como critério de importância para análise as quatro categorias e os fatores importância e autoeficácia, formando oito fatores principais de análise, sendo que todos apresentaram correlação significativa positiva entre si e denotaram alta consistência interna.

Piergiovanni e Depaula (2018a) buscaram identificar o estilo de enfrentamento ao estresse e a correlação entre tais estilos e a autoeficácia entre universitárias(os) argentinas(os). A amostra foi composta por 126 estudantes do curso de Psicologia de uma universidade privada na Argentina, que responderam aos seguintes instrumentos: o *Cuestionario sociodemográfico, a Escala de Autoeficacia General* (EAG), buscando informações sobre a autoeficácia geral percebida pela amostra; e o *Cuestionario de Afrontamiento al Estrés* (CAE). Verificou-se uma correlação positiva e moderada entre a autoeficácia geral e o estilo de enfrentamento do estresse voltado à resolução de problemas. Além disso, foi observada uma correlação positiva, porém de baixa magnitude, entre a autoeficácia geral e a estratégia de reavaliação positiva.

Em outro estudo, Piergiovanni e Depaula (2018b) buscaram descrever e explorar as correlações entre autoeficácia e enfrentamento do estresse. Contando com a mesma amostra e aplicando os mesmos instrumentos da pesquisa anteriormente citada. Dos resultados, quanto às médias da autoeficácia por idade, a amostra foi dividida em três grupos (de 18 a 22 anos, de 23 a 28 anos e de 29 a 58 anos), sendo que os resultados indicaram que quanto maior a média de idade, maior os indicadores de autoeficácia..

Tena, Latorre e Murillo (2016) tiveram como objetivo a identificação de diferenças entre pessoas do gênero masculino e feminino, com e sem prática esportiva, quanto ao seu desempenho acadêmico e seus indicadores de autoeficácia. A amostra foi composta por 331 estudantes (do terceiro, quinto, sétimo e nono anos) de um curso de Psicologia de uma universidade pública no México, dos quais 21,8% eram de pessoas do gênero masculino e 78,2% do gênero feminino. Utilizou-se o *Inventario Sobre Actividades Académicas y Extra Académicas* (IAAEA) e o *Inventario de Autoeficacia General*, que identifica a crença das(os) participantes acerca de suas próprias capacidades de resolução dos problemas que enfrentam ou poderiam enfrentar, além de terem sido utilizados os boletins com notas das(os) estudantes ao longo da graduação, gerando uma média de todas as notas nas disciplinas.

Observou-se que as mulheres que praticavam algum esporte tiveram uma média escolar ligeiramente mais alta que os homens que também eram praticantes esportivos, mas as diferenças não eram estatisticamente significativas entre os grupos. Já quanto à autoeficácia, houve diferença significativamente estatística entre o grupo de pessoas praticantes de esporte e o grupo de pessoas que não eram praticantes, levando à conclusão de que a prática esportiva influencia positivamente no rendimento escolar e na autoeficácia dos estudantes (Tena; Latorre; Murillo, 2016).

Considerando a relação entre autoeficácia e *burnout* em psicólogos clínicos, Marques e Carlotto (2024) buscaram identificar de que maneira a autoeficácia profissional e a inteligência emocional, enquanto recursos, e o trabalho emocional e o estilo pessoal, enquanto demandas, estão relacionados e podem ser preditores das dimensões do *burnout.* Para isso, contaram com uma amostra de 240 psicólogos clínicos com pelo menos um ano de prática, com idade média de 36,7 anos e dos quais 85% eram mulheres. O tempo médio de atuação era de 7,5 anos, enquanto a carga horária semanal média era de 26,8 horas e a remuneração média era de R$4.529,92. Os pesquisadores utilizaram como instrumentos: um questionário sociodemográfico, um questionário de dados laborais, o *Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de Quemarse por el Trabajo (CESQT-PE),* o *Cuestionario de Estilo Personal del Terapeuta (EPT-C, versão reduzida),* a *Subescala de demandas emocionais, pertencentes ao*

Questionnaire on the Experience and Evaluation of Work (QEEW), a *subescala de dissonância emocional da Frankfurt Emotion Work Scales (FEWS),* a *Medida de Inteligência Emocional (MIE)* e por fim a *Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP)*. Os resultados demonstraram que, quanto maior a autoeficácia, menor é o desgaste psíquico e a ilusão sobre o trabalho, que estão postuladas como dimensões do *burnout.*

Rodriguez *et al.* (2017), por sua vez, avaliaram se a regulação emocional pode ser uma preditora das dimensões do *burnout* e se a autoeficácia é uma variável mediadora entre elas. Sua amostra era composta por 518 psicólogos do Rio Grande do Sul (77,6% eram mulheres), com idade média de 34,7 anos e com experiência média de 10 anos de profissão. Foi utilizado um questionário sociodemográfico, o *Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de Quemarse por el Trabajo (CESQT-PE)*, a *Escala Geral de Autoeficácia* e a *Subescala de Regulação de Emoções da Escala de Emoções no Trabalho*. De modo geral, seus resultados também apontaram correlações negativas entre dimensões do *burnout* e autoeficácia em psicólogos/as.

Levando em consideração os estudos referentes a autoeficácia e *burnout* em profissionais e estudantes de psicologia, foram elaboradas as seguintes perguntas de pesquisa: Como os indicadores de autoeficácia em profissionais da Psicologia e em estudantes se relacionam com indicadores de *burnout*? Quanto a experiência profissional influencia nos indicadores de autoeficácia e *burnout*? As hipóteses elaboradas foram as seguintes

Hipótese 1: Correlações negativas entre os indicadores de autoeficácia e *burnout* (Marques; Carlotto, 2024; Rodriguez *et al.,*2017).

Hipótese 2: Em profissionais da Psicologia, quanto maior for o tempo de experiência profissional, maior será o escore de autoeficácia (Cuadra-Martínez et al., 2019; Silva; Oliveira; Melo-Silva, 2014).

Hipótese 3: Em estudantes de Psicologia, espera-se que os indicadores de autoeficácia sejam menores quando em comparação aos profissionais da Psicologia (Dominguez-Lara; Fernández-Arata, 2019)

2 JUSTIFICATIVA

Os indicadores de autoeficácia e de *burnout* em profissionais da Psicologia e em estudantes de Psicologia podem ser considerados como passíveis de investigação por alguns fatores. Ou seja, por serem pessoas que em geral atuam ou atuarão em contato com demandas e sofrimentos de terceiros, é importante que estejam psicologicamente preparadas para oferecerem um serviço apropriado nos contextos em que trabalham.

Ao se buscar verificar possíveis diferenças de médias de respostas entre os grupos considerando os fatores da EAET e da EBburn, com a modalidade de atuação, que poderia ser presencial, remoto ou híbrido (Tabela 13), constatou-se que apenas no segundo fator da EAE-T (Relações Interpessoais) foram encontradas diferenças significativas com tamanho de efeito ($\varepsilon^2 = 0{,}104$) considerado médio ou moderado (Tomczak; Tomczak, 2014). Neste caso, profissionais que atuam na modalidade presencial possuem médias superiores, seguidos de híbrido e remoto, com médias menores.

Diferente das análises anteriores, que consideraram apenas artigos que pesquisavam os fenômenos em estudantes e profissionais da Psicologia, a análise atual teve que expandir o campo de abrangência, pela falta de literatura disponível. O artigo de Filardi, Castro e Zanini (2020), em estudo sobre teletrabalho na administração pública, apresentou uma revisão de literatura que corrobora as diferenças encontradas nesta pesquisa, de que a modalidade remota gera um isolamento com os colegas de trabalho, por mais que não utilize o termo "autoeficácia". Contudo, ao aplicar e analisar questionário baseado na revisão de literatura, não identificaram o isolamento como uma desvantagem no trabalho remoto.

Armstrong (2024), por sua vez, ao pesquisar trabalhadores que atuam em organizações de desenvolvimento de *software*, identificou relato de trabalhador/a no modelo remoto que gostaria de mudar para o presencial por conta do contato com colegas. O artigo ainda cita relato de trabalhadores/as da modalidade presencial que não querem mudar a modalidade pelo mesmo motivo. Além disso, identificou-se que parte da desmotivação no trabalho remoto é oriunda da falta de contato com colegas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, que objetivou avaliar os indicadores de autoeficácia e de *burnout* em profissionais e estudantes de graduação em Psicologia, trouxe como principal resultado, alinhado com a hipótese de que em estudantes de Psicologia, esperava-se que os indicadores de autoeficácia fossem menores quando em comparação aos profissionais da Psicologia, a confirmação de que os/as profissionais apresentam indicadores de maior percepção de autoeficácia geral na resolução de problemas. Os/As profissionais buscam soluções diversas para as adversidades, sendo proposto como caminho para a análise desse dado encontrado a maior idade e experiência profissional como meios para aquisição de maior repertório.

Levantou-se como hipótese de pesquisa identificação de correlações negativas entre os indicadores de autoeficácia e *burnout.* E, ao se correlacionar os indicadores de autoeficácia e

burnout do grupo de estudantes, identificou-se que, quanto menor a autoeficácia geral, maior e frustração.

De modo similar, foi identificado nos profissionais correlação entre o fator da autoeficácia Execução do Trabalho e o fator do burnout Exaustão, indicando que quanto maior a autopercepção de suas capacidades para realizar suas atividades, maior a exaustão no processo, quanto maior o domínio de sua atividade, talvez, maior seja a cobrança a qualidade de sua realização, gerando exaustão.

Acerca da jornada de trabalho, identificou-se que conforme a quantidade de horas trabalhadas aumenta, a frustração também sobe. A segunda hipótese levantada seria que quanto maior for o tempo de experiência profissional, maior será o escore de autoeficácia, e, assim como na literatura e na hipótese, foi identificado que quanto maior o tempo formado, maior é a autoeficácia profissional no fator de execução do trabalho.

Os dados expostos precisam ser analisados com cautela pois, ao longo da pesquisa, identificou-se que a ausência de um instrumento de autoeficácia acadêmica limitou a análise sobre a autoeficácia dos/as estudantes. A autoeficácia geral, por sua inespecificidade, é passível de interferência por diversos fatores extra acadêmicos. Além disso, principalmente no grupo de estudantes, o tamanho da amostra limita extrapolações de seus achados.

Outro fator de destaque ao longo da pesquisa foi a falta de consenso e a grande diversidade de resultados entre as referências utilizadas, o que pode ser interpretado como indicativo de que este ainda é um campo de pesquisa que carece de atenção. Coloca-se como sugestão para pesquisas futuras, um aumento amostral, um maior equilíbrio entre IES públicas e privadas na amostra, uma diferenciação entre experiência profissional em sua área atual de atuação e os anos de formado, pois, embora parecidos, ser formado/a é diferente de ser experiente em seu trabalho, e essa diferenciação pode influenciar a análise da percepção de autoeficácia profissional.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, R. J. **Motivação no trabalho presencial, remoto e híbrido de profissionais de atendimento ao cliente em empresas de desenvolvimento de software.** 2024. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/281904. Acesso em: 10 ago. 2026.

BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, A.; AZZI, R.G.; POLYDORO, S. (org.) **Teoria social cognitiva:** conceitos básicos. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 15-42.

BANDURA, A. Social foundations of thought and action: A social cognitive theory. **National Inst of Mental Health**.1986

BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review,** 1977 V.84(2), P.191–215

BANDURA, A. Social cognitive theory. In: VASTA, Ross (ed.). Annals of child development. v. 6: Six theories of child development. Greenwich, CT: JAI Press, 1989. p. 1–60.

BARBOSA, S. da C.; LIMA, A. L. S. Síndrome de burnout em estudantes de diferentes períodos acadêmicos de Psicologia. In: **E-BOOK IV CONBRACIS**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 268-282. ISBN 978-65-86901-18-4. (Sinageo 2025). Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73782. Acesso em 10 ago. 2026.

BASTOS, A. V. B.; OLIVEIRA, I. F. de; SOARES, I. S. D. O trabalho em Psicologia: em que áreas de atuação nos inserimos? In: Conselho Federal de Psicologia. **Quem faz a Psicologia brasileira?** : um olhar sobre o presente para construir o futuro. Vol. 2: condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social. 1. ed. Brasília: CFP, 2022. pp. 13-31. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol2-1.pdf. Acesso em: 01 fev. 2026.

BASTOS, E. M.; FARIAS, A. V. da S. A prevalência da Síndrome de Burnout em relação aos processos acadêmicos vividos pelos formandos de Psicologia. **Aquila**, [S. l.], n. 31, p. 149–166, 2025. DOI: 10.61565/2317-6474.2024.570. Disponível em: https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila/article/view/202. Acesso em: 10 ago. 2026.

BENTIVI, D. R. C.; PORTO, J. B.; DIAS, L. M. M. Características da inserção no mundo do trabalho e condições para o exercício profissional. In: Conselho Federal de Psicologia. **Quem faz a psicologia brasileira?** : um olhar sobre o presente para construir o futuro. Vol. 1: formação e inserção no trabalho. 1. ed. Brasília: CFP, 2022. pp. 159-174. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1-1.pdf. Acesso em: 01 fev. 2026.

BESSA-SILVA, I.; LAMELA, D.; JONGENELEN, I. Supervisão Clínica, Outcomes Clínicos e Autoeficácia em Psicólogos Estagiários: Uma Revisão Sistemática. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology, [S. l.], v. 51, n. 3, 2018. DOI: 10.30849/rip/ijp.v51i3.351. Disponível em: https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/view/351. Acesso em: 30 mar. 2026.

BIEHL, K. A. Burnout em psicólogos. 2009. 88 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/670. Acesso em: 10 ago. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, nº 12, 13 jun 2013, p. 59. Seção 2. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view. Acesso em: 16 de ago. de 2024.

BORTOLOZZI, A. C. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa:** elaboração, aplicação e análise de conteúdo – manual didático. 2. ed. Versão Revista e ampliada. Araraquara/SP: Padu Aragon, 2024.

CABALLERO D., C. C.; ABELLO LL, R.; PALACIO S, J. (2007). Relación del burnout y el rendimiento académico con la satisfacción frente a los estudios en estudiantes universitarios. Avances en Psicología Latinoamericana, v. 25, n. 2, p. 98-111, 2007. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79925207. Acesso em: 30 mar. 2026.

CARDOSO, H.F.; BAPTISTA, M.N. Escala de autoeficácia no trabalho: evidências de validade e precisão. **Aval. psicol.**, Itatiba , v. 17, n. 2, p. 188-198, 2018 . DOI: http://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1702.13946.04. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712018000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 de maio de 2024.

CARDOSO, H.F.; VALENTINI F.; HAUCK-FILHO N.; BAPTISTA M.N. Escala Brasileira de Burnout (EBB): Estrutura Interna e Controle de Aquiescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 38, p. e38517, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/0102.3772e38517.pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/XJs9VPHkfjzDSqs9gwqTR4m/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 18 de maio de 2024.

CASTRO-SILVA, I. I.; MACIEL, J. A. C.; MELO, M. M. de. Saúde mental e vida universitária: desvendando burnout em estudantes de Psicologia. **Revista Sustinere**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 5-22, 2021. DOI: 10.12957/sustinere.2021.50314. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/50314. Acesso em 10 ago. 2026.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G.; OTTO, F.; KAUFFMANN, P. Síndrome de burnout e coping em estudantes de Psicologia. Boletim de Psicologia, São Paulo, v. 59, n. 131, p. 167-178, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000200004. Acesso em: 10 ago. 2026.

CABALLERO D., C. C.; ABELLO LL, R.; PALACIO S, J. (2007). Relación del burnout y el rendimiento académico con la satisfacción frente a los estudios en estudiantes universitarios. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 25, n. 2, p. 98-111, 2007. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79925207. Acesso em: 30 mar. 2026.

COHEN, Jacob. **Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences**. 2. ed. Lawrence Erlbaum Associates, 1988

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **CensoPsi 2022**: CFP divulga os resultados da maior pesquisa sobre o exercício profissional da Psicologia brasileira. Conselho Federal de Psicologia, 2022. Disponível em: https://site.cfp.org.br/censopsi-2022-cfp-divulga-os-resultados-da-maior-pesquisa-sobre-o-exercicio-profissional-da-psicologia-brasileira/. Acesso em: 01 fev. 2026.

CUNHA, L. F. **A síndrome de burnout em psicólogos.** 2022. 9 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade La Salle, Canoas, 2022. Disponível em: https://svr-net20.unilasalle.edu.br/xmlui/handle/11690/3406. Acesso em: 10 ago. 2026.

CUADRA-MARTÍNEZ, D.; PÉREZ-ZAPATA, D.; SANDOVAL-DÍAZ, J.; VALDIVIA-DÍAZ, J.; PALMA-FLORES, C.; MORA-DABANCENS, D. Predictores de identidad profesional en estudiantes de psicología: un estudio de análisis de senderos. Actualidades en Psicología, José, San Pedro Montes de Oca, v. 33, n. 127, p. 1-19, 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.15517/ap.v33i127.32860. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2215-35352019000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2026.

DE ANDRADE, A. L.; PISSAIA, A. T.; SILVA, M. Z.; OLIVEIRA, M. Z. de. Características proteanas e afetos sobre carreira de estudantes de Psicologia. Psicologia Educacional, Campinas, v. 33, n. 4, p. 277-688, out.-dez., 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-02752016000400011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/zFvprywTwyD5bBvGnJtK7jS/?lang=pt. Acesso em: 30 mar. 2026.

DELGADO-RODRÍGUEZ, N.; HERNÁNDEZ-FERNAUD, E.; ROSALES, C.; DÍAZ-VILELA, L.; ISLA-DÍAZ, R.; DÍAZ-CABRERA, D. Contextual Performance in Academic Settings: The Role of Personality, Self-efficacy, and Impression Management. Journal of Work and Organizational Psychology, v. 34, n. 2, p. 63-68, 2018. Disponível em: https://journals.copmadrid.org/jwop/files/articulo20180709100218.pdf. Acesso em: 30 mar. 2026.

DOMINGOS, G. F.; MARCONDES, L. F. C.; RIBEIRO, B. P.; SILVEIRA, C. R.; FERREIRA, G. H. V. DIAGNÓSTICO PREVENÇÃO E ABORDAGEM TERAPÊUTICA DO BURNOUT: UMA REVISÃO DE LITERATURA. REVISTA FOCO, [S. l.], v. 17, n. 8, p. e5802 , 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n8-013. Disponível em: https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5802 . Acesso em: 14 fev. 2026.

DOMINGUEZ LARA, S. A. PSYCHOMETRIC ANALYSIS OF THE EMOTIONAL EXHAUSTION SCALE OF PRIVATE UNIVERSITY STUDENTS. Revista Digital De Investigación En Docencia Universitaria, v. 7, n. 1, p. 45–55, 2013. DOI: https://doi.org/10.19083/ridu.7.186. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4775418. Acesso em: 30 mar. 2026.

DOMINGUEZ-LARA, S.; FERNANDEZ-ARATA, M. Autoeficacia académica en estudiantes de Psicología de una universidad de Lima. **Revista electrónica de investigación educativa**, Ensenada, v. 21, e32, 2019. DOI: https://doi.org/10.24320/redie.2019.21.e32.2014. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-40412019000100132&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2026.

DOMINÍNGUEZ-LARA, S.; SÁNCHEZ-CARREÑO, K. Uso De Estrategias Cognitivas De Regulación Emocional ante la Desaprobación de un examen: el rol de la Autoeficacia Académica en Estudiantes Universitarios. Psychologia. Avances de la disciplina, v. 11, n. 2, p. 99-111, 2017. DOI: 10.21500/19002386.2716. Disponível em: https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=297254053007. Acesso em: 30 mar. 2026.

FERRARA, T.; ROSSI, V. A. ESCALAS DE AUTOEFICÁCIA NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE AMBIENTES ORGANIZACIONAIS. **Revista Acadêmica Online**, [S. l.], v. 10, n. 54, p. e388, 2024. DOI: 10.36238/2359-5787.2024.v10n54.388. Disponível em: https://www.revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/388. Acesso em: 01 fev. 2026.

FILARDI, F.; CASTRO, R. M. P. de; ZANINI, M. T. F. Vantagens e desvantagens do teletrabalho na administração pública: análise das experiências do Serpro e da Receita Federal. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 28-46, jan./mar. 2020. DOI: 10.1590/1679-395174605. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cebape/a/pJSWmhnCPvz6fGwdkcFyvLc/?lang=pt. Acesso em: 10 ago. 2026.

FOGAÇA, M. de C.; HAMASAKI, E. I. de M.; BARBIERI, C. A. P.; BORSETTI, J.; MARTINS, R. Z.; SILVA, I. G.; RIBEIRO, L. P. Burnout em estudantes de Psicologia: diferenças entre alunos iniciantes e concluintes. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 124-131, maio/dez. 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200010. Acesso em: 10 ago. 2026.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓMEZ MARTÍNEZ, J.; ROMERO MEDINA, A. Enfoques de aprendizaje, autorregulación y autoeficacia y su influencia en el rendimiento académico en estudiantes universitarios de Psicología. European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education, v. 9, n. 2, p. 95-107, 2019. DOI: 10.30552/ejihpe.v9i2.323. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7109636. Acesso em: 30 mar. 2026.

GUTIERREZ-GARCIA, A. G.; LANDEROS-VELAZQUEZ, M. G. Autoeficacia académica y ansiedad, como incidente crítico, en mujeres y hombres universitarios. Revista Costarricense de Psicología, San José, v. 37, n. 1, p. 1-25, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.22544/rcps.v37i01.01. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1659-29132018000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2026.

JARRUCHE, L.T.; MUCCI, S. Síndrome de burnout em profissionais da saúde: revisão integrativa. **Revista Bioética**, v. 29, n. 1, p. 162-73, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422021291456. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bioet/a/RmLXkWCVw3RGmKsQYVDGGpG/?lang=pt. Acesso em: 19 de maio de 2024.

KOEHLER, S. E.; MATA, L. Analisando a autoeficácia e o engajamento no trabalho de psicólogos escolares. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Brasília , v. 21, n. 2, p. 1367-1374, jun. 2021. DOI: https://doi.org/10.5935/rpot/2021.2.21236. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572021000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2026.

LIBÂNIO, F.G.T.; CARBALLO, F.P. Síndrome de Burnout em profissionais da saúde e as principais manifestações: uma revisão bibliográfica. Research,Society and Development, v. 11, n.5, e40811528402, 2022 ISSN 2525-3409 | DOI:http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i5.28402. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/28402/24695 . Acesso em 14 fev. 2026

LOZANO-PAZ, C. R.; REYES-BOSSIO, M. Docentes universitarios: Una mirada desde la Autoeficacia general y engagement laboral. **Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria**, Lima , v. 11, n. 1, p. 134-148, 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.19083/ridu.11.503. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-25162017000100009&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2026.

MARQUES, V. da S.; CARLOTTO, M. S. Demandas e Recursos para Predição da Síndrome de Burnout em Psicólogos Clínicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, p. e258953, p. 1-17, 2024. DOI: 10.1590/1982-3703003258953. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/49MwTJhxYzMXtwJSwNxSpnq/?lang=pt. Acesso em: 10 ago. 2026.

MARQUES, V. da S.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de burnout em psicólogos clínicos: um modelo demandas-recursos. **Revista Subjetividades**, v. 24, n. 2, e13726, p. 1-12, 2024. DOI: 10.5020/23590777.rs.v24i2.e13726. Disponível em: https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/13726. Acesso em: 10 ago. 2026.

MOLINA, M. P.; VALDEIGLESIAS, S. P. Autoevaluación de la competencia informacional en los estudios de Psicología desde la percepción del estudiante. Anales de Documentación, v. 15, n. 2, p 1-15, 2012. DOI: https://doi.org/10.6018/analesdoc.15.2.151661. Disponível em: https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/analesdoc.15.2.151661. Acesso em: 30 mar. 2026.

MOURÃO, L.; ABBAD, G. da S.; DUTRA-THOMÉ, L. O ingresso no mercado de trabalho: características do exercício profissional de recém formados. In: Conselho Federal de Psicologia. **Quem faz a psicologia brasileira?** : um olhar sobre o presente para construir o futuro. Vol. 1: formação e inserção no trabalho. 1. ed. Brasília: CFP, 2022. pp. 176-190. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1-1.pdf. Acesso em: 01 fev. 2026.

PAJARES, F.; OLAZ, F. Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In: BANDURA, A.; AZZI, R.G.; POLYDORO, S. (org.) **Teoria social cognitiva:** conceitos básicos. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 97-114.

PATRICIO, D.F.; SANTAS, R.R.; BARROS, A.O. FATORES ASSOCIADOS A SÍNDROME DE BURNOUT: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras, 7 (único): 62-79, 2020, ISSN: 2358-7490. Disponível em: https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_28/Trabalho_05_2020.pdf . Acesso em:14 fev. 2026

PIERGIOVANNI, L. F.; DEPAULA, P. D. Estudio descriptivo de la autoeficacia y las estrategias de afrontamiento al estrés en estudiantes universitarios argentinos. Revista

mexicana de investigación educativa [online], v. 23, n. 77, p. 413-432, 2018a. ISSN 1405-6666. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-66662018000200413&script=sci_abstract. Acesso em: 30 mar. 2026.

PIERGIOVANNI, L. F.; DEPAULA, P. D. Autoeficacia y estilos de afrontamiento al estrés en estudiantes universitarios. Ciencias Psicológicas, v. 12, n. 1, p. 17-23, 2018b. DOI: https://doi.org/10.22235/cp.v12i1.1591. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=459555547003. Acesso em: 30 mar. 2026.

PERNICIOTTI, P.; SERRANO JR., C.V.; GUARITA, R.V.; MORALES, R.J.; ROMANO, B.W. Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção. **Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 35-52, jun. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 de maio 2024.

RODRIGUEZ, S. Y. S. Burnout em psicólogos: prevalência e fatores associados. 2015. 44 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/901. Acesso em: 10 ago. 2026.

RODRIGUEZ, S.Y. S.; CARLOTTO, M.S; CÂMARA, S.G. Impacto da regulação de emoções no trabalho sobre as dimensões de Burnout em psicólogos: O papel moderador da autoeficácia. Análise psicológica, Lisboa , v. 35, n. 2, p. 191-201, jun. 2017 . https://doi.org/10.14417/ap.1147

RODRIGUEZ, S.Y. S.; MARQUES, V.S.; TAUBE, M.E.; CARLOTTO, M;S. Síndrome de burnout em psicólogos: revisão sistemática da literatura. Contextos Clínicos, São Leopoldo , v. 13, n. 3, p. 967-991, dez. 2020 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000300013&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 03 jun. 2024.

SANDALL, H.; QUEIROGA, F.; GONDIM, S. M. G. Quem somos? Caracterizando o perfil das(os) psicólogas(os) no Brasil. In: Conselho Federal de Psicologia. **Quem faz a psicologia brasileira?** : um olhar sobre o presente para construir o futuro. Vol. 1: formação e inserção no trabalho. 1. ed. Brasília: CFP, 2022. pp. 42-53. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1-1.pdf. Acesso em: 01 fev. 2026.

SANTOS, G.B.; MARTINHO, G.J.; LUCATTO, H.T.; CAMPOS, L.S.A.; CAMARGO, M.L. BURNOUT EM PSICÓLOGOS: Revisão de literatura. Rev. Psicologia e Saúde em Debate. v. 9 n. 2, p. 884-895, dez. 2023. DOI:10.22289/2446-922X.V9N2A50 Dispónível em: https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/1066/641 . Acesso em: 14 fev. 2026

SBICIGO, J. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; DELL'AGLIO, D. D. Propriedades Psicométricas da Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP). **Psico**, [S. l.], v. 43, n. 2,

2012. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/11691. Acesso em: 18 de maio de 2024.

SILVA, B. R. da; OLIVEIRA, M. C. de; MELO-SILVA, L. L. Autoeficácia no aconselhamento de carreira: estudo com orientadores profissionais brasileiros. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v15n1/03.pdf. Acesso em: 13 ago. 2026.

SILVA, P. H. A. da. **Síndrome de burnout em estudantes de graduação em Psicologia:** um esgotamento ainda na formação. 2016. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Faculdades Integradas de Patos, Patos, Paraíba, 2016. Disponível em: https://editora.unifip.edu.br/repositoriounifip/article/view/3405/3560. Acesso em: 13 ago. 2026.

TARNOWSKI, M.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de burnout em estudantes de psicologia. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 173-180, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2007000200004. Acesso em: 10 ago. 2026.

TEIXEIRA, A. Z. G. de V.; PEREIRA, L. C. O.; FERREIRA, P. G. Síndrome de burnout em psicólogos: uma revisão de literatura. **Revista DELOS**, Curitiba, v. 18, n. 74, p. 1-25, 2025. DOI: 10.55905/rdelosv18.n74-120. Disponível em: https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/7533. Acesso em: 10 ago. 2026.

TOMAZ, H.C.; TAJRA, F.S.; LIMA, A.C.G.; SANTOS, M.M. Síndrome de Burnout e fatores associados em profissionais da Estratégia Saúde da Família. **Interface** (Botucatu), v. 24 (Supl. 1), e190634, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/Interface.190634. Disponível em: https://www.scielo.br/j/icse/a/dphvYH39MprDY7LmfCP886J/?lang=pt. Acesso em: 19 de maio de 2024.

TOMCZAK, Maciej; TOMCZAK, Ewa. The need to report effect size estimates revisited. An overview of some recommended measures of effect size. **Trends in Sport Sciences**, v. 21, n. 1, p. 19-25, 2014

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977 . Disponível em: https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977 . Acesso em: 21 out. 2026.